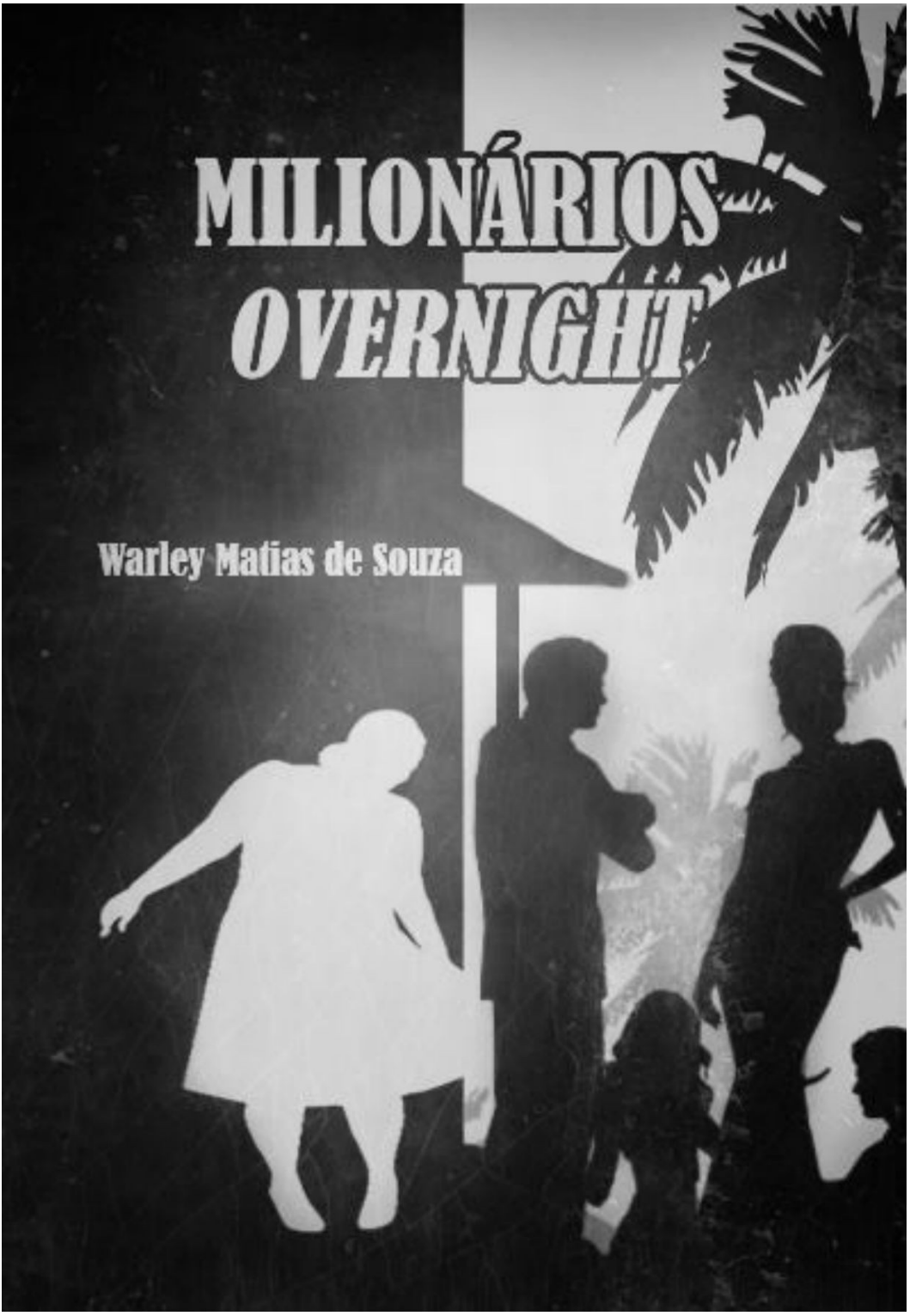
MILIONÁRIOS *OVERNIGHT*

Warley Matias de Souza



Warley Matias de Souza

MILIONÁRIOS *OVERNIGHT*

Souza, Warley Matias de, 1974-
Milionários *overnight* / Warley Matias de Souza. –
1ª ed., 2015.
ISBN 978-85-919584-1-2
1. Teatro brasileiro. I. Título.
CDD-869.92
MILIONÁRIOS *OVERNIGHT*
Copyright © 2015 WARLEY MATIAS DE SOUZA

Capa: *Gabriel Lavarini*

(Obra revista pelo autor em 2025)

Para a minha única e querida irmã, Simone de Lourdes Faria (Neném), uma das musas inspiradoras desta obra.

[...], Brecht liquida a ilusão de que o teatro se funda na literatura. Isso não é verdade nem para o teatro comercial nem para o brechtiano. O texto tem uma função instrumental nos dois casos: no primeiro, ele está a serviço da preservação da atividade teatral e no segundo, a serviço de sua modificação.[1]

Walter Benjamin.

PERSONAGENS

LURDINHA, protagonista. No ATO I, está gorda. No ATO II, está magra.
ONOFRE, marido de LURDINHA.
RICARDINHO, filho de LURDINHA e ONOFRE. No ATO I, é criança. No ATO II, é adolescente.
ELISA, amiga de LURDINHA.
MATEUS, marido de ELISA e amigo de ONOFRE.
AMIGO UM, amigo de RICARDINHO.
AMIGO DOIS, amigo de RICARDINHO.

INSTRUÇÕES
(para os dois atos)

1- Os cenários devem estar nas cores preta e branca.

2- As roupas dos personagens devem ser pretas e brancas.

3- A iluminação e a maquiagem devem provocar palidez nos rostos dos personagens.

4- No ATO I, LURDINHA e sua família vivem em uma casa modesta. No ATO II, LURDINHA e sua família vivem em uma casa luxuosa.

ATO I

CENA I

Sala da casa de LURDINHA.

LURDINHA está sentada em uma poltrona, de costas para o público.

No fundo do palco, há uma tela. Durante alguns minutos, são projetadas cenas diretamente associadas ao gênero tragédia, com fundo musical correspondente.

CENA II

Sala da casa de LURDINHA.

LURDINHA está se exercitando em uma bicicleta ergométrica.

A televisão está ligada, mas o público não ouve o seu som.

LURDINHA

Agora eu emagreço. Com esta bicicleta que meu benzinho me deu, eu consigo. Agora eu emagreço.

RICARDINHO entra, segurando um copo cheio de sorvete.

RICARDINHO

Hummm! Este sorvete tá uma delícia, mãe.

LURDINHA

Ai, Ricardinho, meu filho. Traz um pouquinho de sorvete pra mim. Tô toda suada! Ai, que calor, meu Deus!

RICARDINHO senta-se no chão e, tomando o sorvete, fica olhando para a televisão.

LURDINHA desce da bicicleta e começa a enxugar o rosto com uma toalhinha.

LURDINHA

Que menino ruim, meu Deus! Eu faço tudo pra este menino, e como é que ele me agradece? Você acha que é fácil, Ricardinho, acha que é fácil ser mãe? Não é não, meu filho. É muito cocô, xixi, menino chorando de noite enquanto o marido ronca. O bonitão do marido não tá nem aí! A mãe é que faz tudo. Menino doente? Tá lá a mãe cuidando. Menino machuca? Sai lá a mãe doida levando a peste pro pronto-socorro. Menino se comporta mal na escola? A mãe é a culpada. Menino briga na rua? É filho de quem? Hein? É filho de quem? Filho de uma... Ser mãe é fogo! Mãe é sempre bode expiatório. E o que a gente recebe em troca? Só ingratidão! Ingrato! Você acha que vai ter mãe pra sempre, Ricardinho? Quando eu morrer, você vai ver a falta que uma mãe faz.

LURDINHA sai.

RICARDINHO

Ser filho não é fácil não, viu!

LURDINHA entra, com um pote de sorvete nas mãos.

LURDINHA

Você tomou o sorvete todo, Ricardinho. Olha o pouquinho que sobrou pra mim. (*Senta-se no chão, ao lado de RICARDINHO*.) Não pode ser assim não, meu filho. Que falta de educação. Depois culpam é a mãe. “Sua mãe não te deu educação não?” É a primeira a ser culpada. Acho que seu pai nem viu a cara deste sorvete. Você, sozinho, tomou tudo.

RICARDINHO
(olhando para LURDINHA, com espanto)

Eu, mãe!? É a primeira vez que eu tomo desse sorvete.

LURDINHA

Você tá querendo insinuar que fui *eu* quem tomou todo o sorvete? Eu tô de regime, Ricardinho! (*Fica em silêncio, olhando para a televisão*.) Olha só aquela atriz. Que mulher bonita, meu Deus! Nem parece que tem cinquenta anos. Mas, também, ela pode, né? É rica. Tendo dinheiro, até eu. Pode fazer plástica, malhar em academia, fazer lipo. Olha a maquiagem. Quem dera eu pudesse me maquiar assim. Nossa, ela deve ir ao salão de beleza todo

santo dia. Aí, o marido da gente vê uma mulher assim tão maravilhosa e fica iludido. Diz que a gente tá gorda, com a pele seca, o cabelo precisando de um trato. Marido só sabe reclamar. Reclama de tudo. Mulher sofre, viu! Ser mulher e ser mãe é muito duro. Olha o corpinho dela, Ricardinho! Ah, não! Eu tenho que emagrecer. Hoje só vou jantar alface.

ONOFRE entra, sujo de graxa.

ONOFRE

Tem alguma coisa pra comer, amor?

LURDINHA

Você só pensa em comida, hein, Onofre! Não engorda de ruindade. Chega, não dá nem um beijo, nem um abraço. Depois não sabe por que casamento acaba. Deste jeito, Onofre, não tem quem aguente. Afinal, não sou sua escrava. Não tô aqui só pra te servir não, ouviu?

ONOFRE

Desculpa, meu amor...

ONOFRE aproxima-se.

LURDINHA

Nem pense em chegar perto de mim antes de tomar um banho, Onofre, nem pense. Você tá todo sujo de graxa. Tá cheirando a óleo. Meu Deus! Esses

homens pensam que mulher tem que aguentar tudo calada.

ONOFRE

Mas, meu bem, você acabou de se queixar, pediu um beijo e um abraço.

LURDINHA

Eu, Onofre, sou uma mulher exigente. Quando você se casou comigo, sabia muito bem disso. Gosto de homem limpo e cheiroso. Tá pensando o quê? Não, não, meu bem. Eu faço os maiores sacrifícios pra me manter bonita, morro de fome pra ficar em forma. Tudo por sua causa. Você acha que faço todos esses sacrifícios por mim? Não, meu amor, é por você. Você sempre vai ter uma mulher bonita, elegante e inteligente do seu lado. Sei que homem adora exibir mulher, fazer inveja aos amigos. E, modéstia à parte, querido, dou de dez nas mulheres de seus amigos.

ONOFRE

Tá bem, Lurdinha, vou tomar banho.

LURDINHA

Nem pensar. Agora quem vai tomar banho sou eu.

ONOFRE
(insinuante)

Nós tomamos banho juntos...

LURDINHA

Que é isso, Onofre? Olha o menino aí! Mais respeito com o seu filho. Depois o menino vira um tarado, e quem vão culpar? Euzinha aqui. A mãe sempre é a culpada, sempre. Vai, Ricardinho, vai comprar pão pro seu pai. Dá o dinheiro pra ele, Onofre.

RICARDINHO

Ah, nem, mãe.

LURDINHA

Não discuta com a sua mãe, Ricardinho. Mãe é sagrada. Quando você me perder, você vai dar valor. Filho só dá valor depois que a gente morre.

ONOFRE

Pode deixar, Ricardinho.

LURDINHA

E eu? Vou ficar aqui morrendo de fome? Dá o dinheiro pra ele, Onofre. Ninguém pensa em mim, né? Vocês são uns egoístas. Eu faço tudo por vocês. E o que eu ganho? Nada além de ingratidão.

ONOFRE

Pode deixar, Lurdinha, eu mesmo vou lá na padaria e compro.

LURDINHA

Nem pensar. Você quer é passar num desses botecos fedorentos e tomar uma. Mas meu pai não me criou pra me entregar a um pinguço não, Onofre. Marido com bafo de cachaça eu não

aguento. Vai lá, Ricardinho, comprar pão. Seu pai e eu vamos tomar banho. Dá o dinheiro pra ele, Onofre. E traz o troco, hein, Ricardinho. Nada de comprar bala, ouviu bem?

ONOFRE dá o dinheiro a RICARDINHO. Então, LURDINHA e ONOFRE saem.

RICARDINHO
(faz umas caretas e revira os olhos, enquanto imita a mãe falar)
E traz o troco, hein, Ricardinho, nada de comprar bala, ouviu bem?

LURDINHA
(grita do banheiro)
Desliga a televisão, Ricardinho!

RICARDINHO
Ser filho não é fácil não, é foda!

RICARDINHO desliga a televisão e sai.

CENA III

Quarto do casal.

LURDINHA está usando uma camisola preta.

ONOFRE está usando uma cueca samba-canção.

Estão deitados na cama.

LURDINHA

Nofre...

ONOFRE

Que foi, Lurdinha?

LURDINHA

Eu tô com uma vontade!...

ONOFRE

Não vou sair a uma hora destas só pra comprar chocolate pra você. Aliás, não deve ter nada aberto a esta hora.

LURDINHA

Pô, Onofre, não é disso que eu tô com vontade, seu pamonha. É disto!

LURDINHA segura firme o sexo de ONOFRE.

ONOFRE
(gemendo)

Calma, Lurdinha. Você quer me deixar inválido?

LURDINHA vira-se de costas para o marido.

LURDINHA

Parece que nem tenho marido. Depois reclamam quando a gente arruma um amante. Mulher tem desejos, Onofre. Já te disseram isso? Hein? Eu, particularmente, tenho muito. Mas você não tá

correspondendo. (*Vira-se para o marido*.) Onofre, olha bem no fundo dos meus olhos e me diz: Você tem uma amante? Onofre, seja sincero. Você tem ou não tem uma amante?

ONOFRE

Claro que não, Lurdinha. Trabalho feito um burro de carga. Vou de casa pro trabalho, do trabalho pra casa. Não tenho tempo pra amantes. Por favor, meu amor, vamos dormir. Hoje eu tô muito cansado.

LURDINHA

Hoje e sempre, né, Onofre?

ONOFRE

Meu bem, vamos dormir?

ONOFRE vira-se e logo começa a roncar.

LURDINHA

Nofre... (*Sacode-o*.) NOFRE!

ONOFRE
(sonolento)

Que foi, Lurdinha?

LURDINHA

Meu bem, eu tô com muita vontade...

ONOFRE

Lurdinha, eu tô cansado. Mulher, eu sou apenas um homem, não uma máquina de sexo.

LURDINHA

Não tô falando de sexo, Onofre. Eu tô é com muita vontade de comer chocolate. Vai buscar pra mim. Com um homem feito você, só mesmo chocolate pra dar jeito. Anda, vai!

ONOFRE

Meu Deus, não acredito no que tô ouvindo... Tá bem, minha Lulu. Vem cá, vem. Vem pro seu Nofrinho.

LURDINHA

Ai, me larga, Onofre. Agora eu quero é chocolate. Vai logo, vai. Senão, não deixo você dormir.

ONOFRE levanta-se.

ONOFRE

Tá bem. Vou comprar essa droga de chocolate.

ONOFRE veste-se e sai.

LURDINHA

Depois diz que tô gorda...

RICARDINHO entra.

RICARDINHO

Mãe-ê, posso dormir aqui? Eu tô com medo.

LURDINHA

Vem.

RICARDINHO deita-se ao lado de LURDINHA.

RICARDINHO

Cadê meu pai?

LURDINHA

Foi comprar chocolate pra mim.

RICARDINHO

Oba!

LURDINHA

Será que você tá surdo, Ricardinho? Eu disse que ele foi comprar chocolate *pra mim*, ouviu?, *pra mim*! Além do mais, você tá engordando muito. É melhor prevenir agora. Senão, depois você terá que fazer regime igual à sua mãe. É dura essa minha luta com a balança.

RICARDINHO

Ah, nem, mãe!

LURDINHA

Para de reclamar, menino. Anda, dorme. Vou te contar uma história de amor.

RICARDINHO

De novo, mãe!? É muito chato!

LURDINHA

Por isso mesmo. História chata é que faz dormir.

RICARDINHO faz bico e cruza os braços.

LURDINHA
(com patético ar teatral)

Era uma vez, uma mocinha muito bonita, maravilhosamente magricela e muito inteligente. Seu nome: Lurdes Regina. Ela sonhava em encontrar um príncipe: um homem forte, bonito, corajoso e inteligente. Pouco namoradeira, seu coração jamais pertencera realmente a alguém até que um dia ela conheceu um jovem que a impressionou muito. Ele era forte, bonito, corajoso e inteligente. Lurdes Regina sentia-se protegida em seus braços. Seu nome era Onofre Alfredo. Aquele príncipe tinha apenas um defeito, um defeito imperdoável para a categoria dos príncipes: ele era pobre. Mas Lurdes Regina não se importou. Então, os dois jovens se casaram e quiseram ser felizes para sempre. E tentaram; mas a falta de dinheiro fez com que brigassem muito. A princesa, deprimida, começou a comer muito e engordou. O príncipe, sem perder sua coragem, lutou para dar as melhores condições de vida possíveis para sua princesa e seu pequeno herdeiro, o doce Ricardo Aurélio. E, apesar da vida dura, naquela pequena família nascida dos sonhos, algo sempre permaneceu forte e indestrutível: o amor.

LURDINHA olha para o lado: RICARDINHO está dormindo. Ela abraça-o com carinho e logo adormece também.

CENA IV

Sala da casa de LURDINHA.

ELISA está sentada no sofá, folheando uma revista.

ELISA
(falando sozinha)
Eu bem que podia escrever pra uma revista como esta. Já pensou? Eu participaria de todas as festas, conheceria gente famosa, ficaria por dentro de todas as fofocas. Ah... eu seria fiel aos meus leitores, não esconderia nada deles, revelaria todos os segredos dos famosos, mesmo que isso me custasse a própria vida! Ah... eu seria a melhor!

LURDINHA entra e senta-se no sofá.

ELISA deixa a revista no sofá, senta-se em um tamborete ao lado dele e começa a fazer as unhas de LURDINHA.

LURDINHA
Emagreci três quilos desde que comecei a fazer a dieta da melancia; mas é assim, toda hora dá vontade de fazer xixi.

ELISA

Sabia que a rainha da Inglaterra fez essa dieta?

LURDINHA

Ai! Cuidado, Elisa. Se você continuar assim, minha amiga, arrancando bifes em suas clientes, logo logo vai deixar de ser manicure e virar açougueira.

ELISA

Desculpa, minha amiga. É que hoje não tô nada bem.

LURDINHA

Se a desculpa é essa, você nunca tá bem.

ELISA

É sério, Lurdinha.

LURDINHA

E quem disse que eu tô brincando? Você precisa fazer seu trabalho direito, mulher. Senão, esta sua carreira de manicure não dura muito tempo.

ELISA

Você tá sendo muito cruel comigo, Lurdinha. Você sabe que eu não gosto deste trabalho. Faço isto por necessidade, não por prazer.

LURDINHA

Igual a todo mundo, né, Elisa!

ELISA

O que eu queria mesmo é ser apresentadora de um programa de televisão. Já tenho até o nome: “Fofocando com Elisa”. Gosto mesmo é de jogar conversa fora. Confesso, adoro as futilidades da vida! Você sabia que aquela atriz bonitona da novela, a Júlia Nívea, é necrófila?

LURDINHA

Quem disse isso?

ELISA

Um vizinho meu. Ele também é.

LURDINHA

Mas, o que é mesmo ne-ne...?

ELISA

Necrófilo? Gente que gosta de fazer sexo com cadáver.

LURDINHA

Credo! E seu vizinho gosta disso? Você não tem medo dele não?

ELISA

Medo por quê? Eu ainda tô bem viva!

LURDINHA

Sei lá. Uma pessoa assim não é normal.

ELISA

E quem é normal neste mundo, Lurdinha? Mas deixa eu te contar. Ele disse que naquele cemitério lá na rua dos Cravos. Aquele, sabe? Pois bem. Parece que faleceu um senhor, lá de seus cinquenta anos, durante o ato com uma putinha de dezesseis. Imagina. Os agentes da atriz, que são pagos pra descobrir casos do gênero, avisaram logo a necrófila. Ela pagou uma fortuna pra família deixar o homem ser enterrado de pau em pé. À noite, a necrófila alugou o cemitério só pra ela, desenterrou o defunto com as próprias mãos, parece que ela fica excitada é assim, e fez a festa. Tem cabimento uma coisa dessas?

LURDINHA

E você acreditou nisso? Não sou estudiosa do assunto; mas acho que o pau amolece depois da morte.

ELISA

A questão não é essa, querida. Será que você não entende? Não importa se é verdade ou mentira.

LURDINHA

Elisa, eu sei que você é uma mulher muito inteligente. Por isso, fico triste quando fala tanta besteira.

ELISA

Não é nada fácil ser fútil num mundo feito o nosso. Sofremos muito preconceito, sabia? Acha que é fácil ficar de olho na roupa da primeira-dama enquanto

ela fala da mortalidade infantil? Depois vêm comentar com a gente sobre o assunto, e o que você sabe? Apenas a cor do vestido, o caimento, as gordurinhas a mais da fulana...

LURDINHA

Será que o defunto gozou?

ELISA

Ahn?

LURDINHA

É, será que o defunto gozou? O tal lá por quem a atriz era apaixonada.

ELISA

Será que ela era apaixonada por ele? Lurdinha, é isso! Você me deu uma luz. A pobre não é necrófila coisa nenhuma. Era apaixonada, coitadinha. O amante morreu, ela não aguentou, quis se despedir. Coitada, o que a gente não faz por amor, hein?

LURDINHA

Mas será que ele gozou?

ELISA

Que absurdo, Lurdinha. Defunto não goza.

LURDINHA

Já fez sexo com um defunto, alguma vez, pra saber?

ELISA

Todo mundo sabe que defunto não goza.

LURDINHA

Isso só quem sabe mesmo é a Júlia Nívea.

As duas riem.

ELISA

Então me diz. Tem coisa melhor do que a futilidade?

LURDINHA

É, não devemos levar a vida tão a sério.

ELISA

O que você quer dizer com isso? Que a futilidade não é uma coisa séria? Eu levo a futilidade muito a sério. Pra mim, ela é uma arte! Ou será uma ciência? Ah! Tive uma ideia. Acho que vou escrever um livro sobre a futilidade. O que você acha? Tem gente que escreve livro de etiqueta e ganha rios de dinheiro. Vou ser mais eu, vou falar da Futilidade, com efe maiúsculo.

LURDINHA

Mas etiqueta não é futilidade.

ELISA

Tá vendo, minha amiga, como o assunto é complexo? “Ser ou não ser, eis a questão.” Acho que ele tava falando da futilidade.

LURDINHA

Ele quem?

ELISA

Shakespeare, minha amiga! Ele também escreveu: “Tem mais mistérios entre o céu e a terra do que supõe nossa vã filosofia”. É óbvio que ele se referia à futilidade, é óbvio. Isso pode dar uma ótima tese. Acho que vou me tornar doutora em futilidade muito em breve. (*Olha mais atentamente para as unhas de LURDINHA*.) Suas unhas tão ficando lindas! Ah, quer coisa mais fútil do que fazer unha? Todos somos fúteis. É inevitável. O homem vive em conflito porque ainda não conseguiu aceitar a própria futilidade.

LURDINHA

Chega, Elisa. Você tá delirando.

ELISA

Eu tô bem lúcida, Lurdinha. (*Afastando-se*.) Vou até a cozinha tomar um copo d’água.

ELISA sai.

LURDINHA abre a revista que estava sobre o sofá e começa a lê-la, em silêncio.

ELISA entra.

LURDINHA

Você sabia que a Silvia Spider, aquela atriz americana que fez o filme *Proibido beijar*, se divorciou do marido?

ELISA

Quem é Silvia Spider? A que fez o 1 ou o 2?

LURDINHA

A que fez *Proibido beijar 1*. Ela encontrou o marido dela na cama com... Imagina, o marido tava traindo ela com uma travesti.

ELISA começa a chorar.

LURDINHA

O que foi, amiga? Por que chora? Vem cá, senta aqui perto de mim. Enxuga essas lágrimas.

ELISA enxuga as lágrimas.

ELISA

Eu preciso te contar uma coisa, minha amiga. Dias atrás, encontrei Mateus na cama com... com...

LURDINHA

Com uma travesti?

ELISA

Não! Muito pior.

Entram MATEUS e ONOFRE, abraçados.

LURDINHA
(assustada)

Onofre!?... Mateus!?...

ONOFRE

Querida, é melhor você se sentar...

ATO II

CENA I

Sala de estar da casa de LURDINHA.

LURDINHA está sentada em uma poltrona, de costas para o público.

No fundo do palco, há uma tela. Durante alguns minutos, são projetadas cenas diretamente associadas ao gênero comédia, com fundo musical correspondente.

CENA II

Sala de estar da casa de LURDINHA.

Entram LURDINHA e ELISA.

LURDINHA
Já estou cansada de tantas festas, minha amiga. Desde que fiquei milionária, não tenho mais tempo para nada. Eu não sabia que ser rica era tão cansativo. Pensei que o dinheiro era a solução. Mas, às vezes, ele se torna um grande problema.

ELISA
Não venha me dizer que está cansada de ser rica, minha querida.

LURDINHA

Às vezes, fico pensando, lembrando os velhos tempos. Tínhamos muitas dificuldades, mas acho que éramos mais felizes.

ELISA

Por favor, Lurdinha. Não acredito no que estou ouvindo. É muita ingratidão diante da vida. Todo mundo sonha em ficar milionário. Poucos são os privilegiados. Nós tivemos a sorte de fazer parte desse grupo seleto. Erga as mãos para o céu, amiga.

LURDINHA

Tudo mudou muito de repente. Nossos maridos compram um bilhete de loteria e ficamos milionários da noite para o dia. E nossa vida muda da noite para o dia. Mas não sei se mudou para melhor.

ELISA

A minha vida mudou para melhor, com certeza. Não sei mais viver como pobre. Como é que eles conseguem, meu Deus?

LURDINHA

Meu filho afastou-se de mim. Não sei nada sobre a vida dele. Ele se fechou totalmente, tornou-se um estranho.

ELISA

É a idade, querida. Os aborrescentes são assim mesmo.

LURDINHA

Eu me sinto tão culpada, minha amiga. Depois que fiquei milionária, não tive mais tempo para ele. Meu tempo foi ocupado com aulas de etiqueta, aulas de português e inglês, recepções. Comecei a trocar os dias pelas noites. Só me preocupei em realizar todos os meus sonhos de consumo. E então comecei a sentir este imenso vazio, como se eu houvesse perdido um tempo precioso da minha vida. E vieram os psicólogos e os psiquiatras e me entupiram de calmantes e antidepressivos. Amiga, estou muito infeliz.

ELISA

Não exagere, Lurdinha. Acha que sua vida seria melhor se você continuasse pobre?

LURDINHA

Você é feliz, Elisa?

ELISA

Sou rica, e isso me basta. Quem é realmente feliz neste mundo? Hein? Cite-me uma só pessoa. Acha que eu seria mais feliz pobre? Claro que não. Vivo um casamento de aparências; mas tenho os meus casos. Não amo mais o meu marido. Ele também não me ama. Tem um caso com a minha irmã já faz anos. Até filho com ela tem! Coisa que eu, graças a Deus, nunca pude lhe dar.

LURDINHA

Não sei como você consegue viver assim. Você realmente deixou de amar o seu marido?

ELISA

Quando o peguei na cama, trepando com a minha irmã, eu quis morrer. Eu o amava muito, não sabia que atitude tomar. O suicídio parecia ser a minha única solução. Mas ele ficou milionário da noite para o dia. Eu não ia morrer e deixá-los desfrutando da fortuna, não é mesmo? Resolvi gozar a vida. Odeio Mateus; mas existe em mim uma atriz talentosíssima. Diante dos outros, somos o casal mais feliz do mundo.

LURDINHA

Lembra aquela vez em que você queria fazer teatro?

ELISA

Mateus não deixou, e eu me resignei.

LURDINHA

Você ainda pode tentar.

ELISA

É tarde demais. Na minha vida, só cabe uma personagem: eu mesma.

LURDINHA

Quem é você, Elisa?

ELISA

Uma mulher bem-casada, rica e feliz.

Entram MATEUS e ONOFRE. Os dois estão fumando charuto.

MATEUS

Os investimentos estão indo de vento em popa, meu caro sócio.

ONOFRE

Dinheiro atrai dinheiro. Estamos cada vez mais ricos.

MATEUS

Elisa, minha querida, temos um jantar hoje à noite.

ELISA

Está bem, querido. Preciso comprar um vestido novo, dar um jeito em meu cabelo, em minhas unhas. Vem comigo, Lurdinha?

LURDINHA

Estou um pouco cansada, amiga. Acho que vou dormir um pouco.

ONOFRE

Mas, Lurdinha, também vamos ao jantar, meu bem. É importante que você vá.

LURDINHA

Onofre, eu não posso. Estou realmente muito cansada. Por favor, meu bem, não insista.

ONOFRE
(preocupado)
Lurdinha, meu amor, você está bem? Está tomando seus remédios?

LURDINHA
Estou bem, querido. Só um pouco cansada.

ONOFRE
Está bem, Lurdinha. Vá descansar, meu amor.

ELISA e LURDINHA saem.

ONOFRE
Ah, meu amigo, sinto falta da minha outra Lurdinha, aquela mulher ativa, cheia de energia. Hoje está tão apagada! Não foi por essa mulher que me apaixonei. Parece uma sombra, um fantasma.

MATEUS
Você está precisando é de uma boa noitada, com muito sexo.

ONOFRE
Você sabe que não sou homem para essas coisas.

MATEUS
Não sabe o que está perdendo. Se mudar de ideia, é só me falar. Consigo umas deusas maravilhosas para saciar todos os seus desejos mais secretos.

Elas são profissionais de grande habilidade. A vida é curta, homem. Aproveite!

ONOFRE

Sou um homem simples, amigo. Só quero ser feliz com minha esposa e meu filho.

MATEUS

Você é um trouxa, isso sim. Pode ter tudo e não aproveita.

ONOFRE

Não é tão simples assim.

MATEUS

É tudo muito simples, você é que é complicado.

ONOFRE

Sinto saudade dos velhos tempos. Sinto falta de ir para a oficina, passar o dia consertando os carros, chegar em casa à noite e ouvir a Lurdinha reclamando da vida. O Ricardinho! Que falta sinto dele. Moramos na mesma casa e quase não nos vemos. Não sei nada sobre o meu filho. Pode parecer ingratidão; mas, às vezes, odeio o maldito dinheiro.

MATEUS

Acha que se continuasse pobre seria mais feliz? Por favor, Onofre! As coisas são como são. Se você falhou, não ponha culpa no dinheiro, meu caro. O culpado da sua infelicidade não é ele, é você

mesmo. O dinheiro lhe deu muita coisa. Se você não sabe aproveitar, é problema seu. Agora, não venha culpá-lo. Não é porque é rico ou pobre que você é infeliz. Você é infeliz porque não sabe viver. É difícil aceitar que somos responsáveis pela nossa felicidade.

ONOFRE

Talvez você esteja certo.

MATEUS

Posso ser sincero com você? Estou sentindo nojo. Você é um cagão!

ONOFRE

Você está me ofendendo.

MATEUS

Estou de saco cheio de suas lamúrias! Cagão!

MATEUS sai.

ONOFRE

Espere aí! Isso não fica assim.

ONOFRE sai.

CENA III

Quarto de RICARDINHO.

Entram RICARDINHO e dois amigos adolescentes. Os três estão vestidos de forma igual, usando um mesmo corte de cabelo, mesmos adereços. Os três estão fumando cigarro e tomando cerveja.

RICARDINHO

Mor saco, caras! Garota mais fresca. A gente só fica nos beijinho, saca? Vou mandar ela pra puta que pariu.

AMIGO UM

Mor virgenzinha, meu. Não tá sabendo não? Pô, meu! Acredita? Nunca deu pra ninguém. Vai desistir de ser o primeiro?

AMIGO DOIS

Pega à força! Se não dá por bem, dá por mal. Comigo é assim. Essas mina fresca é tudo falsa. No fundo, são tudo umas piranha.

RICARDINHO

Ela ficou puta comigo naquele dia! Pô, a mina cagou nas calça! A moto tava quase voando. A mina gritava e chorava. Quando parei, ela desceu tonta da máquina e caiu no chão. Pô, cara, eu ri na lata dela. A mina chorava feito neném. No outro dia, tava ligando pra mim, querendo sair.

AMIGO DOIS

Tudo piranha, meu. Mete a tora nela. Vai por mim.

AMIGO UM

Fiquei com a Juliana ontem. Pô! Mor puta! A mina saca, sabe deixar a gente louco.

RICARDINHO

Já fiquei com ela.

AMIGO DOIS

Eu também.

AMIGO UM
(para RICARDINHO)

Liga o som, meu.

RICARDINHO

Vai lá.

AMIGO UM começa a manusear alguns CDs.

AMIGO UM

Jota esse bache? Pô, CD de bicha, cara!

RICARDINHO

Presente da minha mãe. Só tô esperando ela esquecer. Aí, eu quebro essa merda. Porra de música mais chata. Me deu essa merda de CD e veio com um papo besta de camisinha. Pô, deu vontade de rir na lata dela. Que papo mais careta! Camisinha pra mim é roupa de anão.

Os três caem na gargalhada.

AMIGO DOIS

(para RICARDINHO)

Rola um baseado aí, meu?

RICARDINHO

Tenho uma coisa aqui bem mais forte. Caras, cês não vão acreditar. Pô, fui pra lá de Bagdá.

AMIGO UM

Tem bastante pra nós três?

RICARDINHO

Pô, cara! Comigo não tem miséria. Ou é tudo ou nada!

Os três começam a rir, agitados.

Eles estão de pé, cabeças jogadas para trás e braços abertos.

Um jogo de luzes multicores cai sobre os adolescentes.

Um *rock* pauleira, ensurdecedor, invade todo o teatro.

CENA IV

Sala de espera de um hospital.

LURDINHA

Descuidamos dele, Onofre. Não tínhamos tempo para ninguém, a não ser para nós mesmos.

ONOFRE

Ainda estou perplexo, Lurdinha. Não consigo imaginar quando foi que nosso filho começou a usar drogas.

LURDINHA

Uma overdose. Chegou a isso. Meu Deus! Se meu filho morrer, eu morro com ele.

ONOFRE

Precisamos ser fortes, Lurdinha. Ele vai sobreviver. E vai precisar da gente.

LURDINHA

Tudo culpa do maldito dinheiro. Se fôssemos pobres, não aconteceria isso.

ONOFRE

Não culpe o dinheiro.

LURDINHA

Os culpados somos nós?

ONOFRE

Somos apenas humanos.

LURDINHA

Estou me sentindo muito mal.

ONOFRE

Procurar culpados não vai fazer você se sentir melhor.

LURDINHA

Sinto-me tão impotente! Queria poder salvar nosso filho.

ONOFRE

Sinto um vazio muito grande. A vida parece não ter sentido. E pior: parece que sempre foi assim. Não vejo por que viver. Talvez nosso filho também se sinta assim. Entende o que estou dizendo?

LURDINHA

Entendo, meu amor. Entendo muito bem, pois sinto o mesmo.

ONOFRE

Há muito tempo que você não me chama assim de “meu amor”. Pensei que você houvesse deixado de me amar. Estava tão fria, tão distante.

LURDINHA

Você é que estava frio e distante!

ONOFRE

Quando foi que nos afastamos? Quando foi que tudo mudou?

LURDINHA

Estou tão cansada, Onofre! Tão cansada! Queria ter a mesma coragem que Elisa.

ONOFRE

Nem pense nisso. Por favor, nem pense nisso.

LURDINHA

Eu invejo Elisa. Ela fez o que todos desejamos fazer e não temos coragem. Eu invejo Elisa.

O palco escurece.

ELISA entra.

Uma luz incide sobre ela.

Espectral, pálida, vestido branco sujo de sangue, os pulsos cortados, a personagem expressa, com seu corpo, uma profunda angústia e, por fim, emite um aterrorizante grito de dor.

Nota

[1] Tradução de Sergio Paulo Rouanet. [retornar]